

UNIVERSITY OF CAMBRIDGE INTERNATIONAL EXAMINATIONS
General Certificate of Education
Advanced Subsidiary Level and Advanced Level

PORTUGUESE

8672/04
9718/04

Paper 4 Texts

May/June 2006

Additional Materials: Answer Booklet/Paper

2 hours 30 minutes

READ THESE INSTRUCTIONS FIRST

Write your Centre number, candidate number and name on all the work you hand in.
If you have been given an Answer Booklet, follow the instructions on the front cover of the Booklet.
Write in dark blue or black pen.
Do not use staples, paper clips, highlighters, glue or correction fluid.

Answer any **three** questions, each on a different text. You must choose **one** from **Section 1**, **one** from **Section 2** and **one other**.

Write your answers in **Portuguese**.

You should write between 500 and 600 words for each answer.

Dictionaries are not permitted.

You may take unannotated set texts into the examination.

At the end of the examination, fasten all your work securely together.

All questions in this paper carry equal marks.

PRIMEIRO LEIA ESTAS INSTRUÇÕES

Escreva o número de Centro, o número de candidato e o seu nome em cada folha do trabalho que apresentar.

Se lhe tiverem dado um caderno de respostas, siga as instruções dadas na primeira página.

Escreva com uma caneta de tinta azul ou preta em ambos os lados da folha.

Não use grampos/agrafos, cliques/prende-papéis, cola, marcador fluorescente ou líquido correctivo.

Responda a **três** questões, cada uma sendo sobre um texto diferente. É necessário escolher **uma** questão da **Secção 1**, **uma** da **Secção 2** e **uma terceira**.

Escreva as suas respostas em **português**.

Deve escrever entre 500 e 600 palavras por resposta.

Não é permitido o uso de dicionários.

É permitido trazer textos não anotados para consulta durante o exame.

Ao fim do exame, junte todo o trabalho duma maneira segura.

Todas as respostas têm o mesmo número de valores.

1 EÇA de QUEIRÓS, *O Mandarim***Ou (a)**

Em Tien-Tsin separei-me daqueles santos camaradas. E daí a duas semanas, por um meio-dia de sol tépido, passeava, fumando o meu charuto e olhando a azáfama dos cais de Hong-Kong, no tombadilho do “Java”, que ia levantar ferro para a Europa.

Foi um momento comovente para mim, aquele em que vi, às primeiras voltas do hélice, afastar-se a terra da China.

Desde que acordara, nessa manhã, uma inquietação surda recomeçava a pesar-me na alma. Agora, punha-me a pensar que viera àquele vasto império para acalmar pela expiação um protesto temeroso da Consciência: e por fim, impelido por uma impaciência nervosa, aí partia, sem ter feito mais que desonrar os bigodes brancos de um general heróico, e ter recebido pedradas pela orelha numa vila dos confins da Mongólia.

Estranho destino, o meu!

Até ao anoitecer estive encostado sombriamente à borda do paquete, vendo o mar liso, como uma vasta peça de seda azul, dobrar-se aos lados em duas pregas moles: pouco a pouco grandes estrelas palpitavam na concavidade negra, e o hélice na sombra ia trabalhando em ritmo. Então, tomado de uma fadiga mole, fui errando pelo paquete, olhando, aqui e além, a bússola alumiada; os montões de cabrestantes; as peças da máquina, numa claridade ardente, batendo em cadência; as fagulhas que fugiam do cano, num rolo de fumaraça negra; os marinheiros de barba ruiva, imóveis à roda do leme; e as formas dos pilotos, sobre o pontal, altas e vagas na noite. Na cabina do capitão, um inglês de capacete de cortiça, cercado de damas que bebiam conhaque, ia tocando melancolicamente na flauta a ária de “Bonnie Dundee”...

Eram onze horas quando desci ao meu beliche. As luzes já estavam apagadas: mas a Lua que se erguia ao nível da água, redonda e branca, batia o vidro da cabina com um raio de claridade: e então, a essa meia-tinta pálida, lá vi, estirada sobre a maca, a figura pançuda, vestida de seda amarela, com o seu papagaio nos braços!

Era *e/le*, outra vez !

E foi *e/le*, perpetuamente.

Do fim do capítulo VII

- (i) Explique porque é que o destino do narrador é estranho.
- (ii) Quem “era *e/le* outra vez” e porquê? Comente.

Ou (b)

Analise a evolução de Teodoro em *O Mandarim*.

2 CAMILO CASTELO BRANCO, *Amor de Perdição*

Ou (a)

O meirinho, chamado, relatou miudamente o que sabia, e disse ter-se verificado que o amor da filha do Albuquerque fora a causa daquele desastre.

Domingos Botelho, ouvindo a história, disse ao meirinho:

– O juiz de fora que cumpra as leis; se ele não for rigoroso, eu o obrigarei a sê-lo.

Ausente o meirinho, disse D. Rita Preciosa ao marido:

– Que significa esse modo de falar de seu filho?

– Significa que sou corregedor desta comarca e que não protejo assassinos por ciúmes da filha dum homem que eu detesto. Eu antes queria ver mil vezes morto Simão que ligado a essa família. Escrevi-lhe muitas vezes dizendo-lhe que o expulsava de minha casa se alguém me desse a certeza de que ele tinha correspondência com tal mulher. Não há-de querer a senhora que eu vá sacrificar a minha integridade a um filho rebelde, e demais a mais homicida.

D. Rita, algum tanto por afecto maternal e bastante por espírito de contradição, contendeu largo espaço; mas desistiu, obrigada pela insólita pertinácia e cólera do marido. Tão iracundo e áspero em palavras nunca ela o vira. Quando lhe ele disse: “Senhora, em coisas de pouca monta o seu domínio era tolerável; em questões de honra, o seu domínio acabou: deixe-me!” D. Rita, quando tal ouviu, e reparou na fisionomia de Domingos Botelho, sentiu-se mulher e retirou-se.

A ponto foi isto de entrar o juiz de fora na sala de espera. O corregedor foi recebê-lo, não com o semblante afectuoso de quem vai agradecer a delicadeza e implorar indulgência, senão que, de carrancudo que ia, mais parecia ir ele repreender o juiz por vir naquela visita dar a crer que a balança da justiça na sua mão tremia algumas vezes.

– Começo por dar a Vossa Senhoria os pêsames da desgraça de seu filho – disse o juiz de fora.
– Obrigado a Vossa Senhoria. Sei tudo. Está instaurado o processo?

– Não podia deixar eu de aceitar a querela.

– Se não a aceitasse, obrigá-lo-ia eu ao cumprimento dos seus deveres.

– A situação do Sr. Simão Botelho é péssima. Confessa tudo. Diz que matou o algoz da mulher que ele amava...

Do capítulo XI

- (i) Explique porque razão é que Simão matou Baltasar Coutinho.
- (ii) Qual foi a reacção dos pais de Simão, D. Rita e Domingos Botelho, perante tal assassinio? Comente.

Ou (b)

Examine a ligação entre amor, família e dinheiro em *Amor de Perdição*.

3 GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas***Ou (a)**

A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, sinhá Vitória com as pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinza.

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante.

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata. As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedra, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. De quando em quando estes se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha. Sinhá Vitória aprovou este acto com um rugido, mas Fabiano condenou a interrupção, achou que o procedimento do filho revelava falta de respeito e estirou o braço para castigá-lo.

Do princípio do capítulo "*Inverno*"

- (i) Explique como é que Fabiano e Sinhá Vitória comunicam um com o outro.
- (ii) Explique porque é que o menino mais velho não compreende a história que o pai conta.

Ou (b)

Qual é a importância de Baleia na estrutura e no significado de *Vidas Secas*?

4 HONWANA, *Nós matámos o Cão Tinhoso***Ou (a)**

O destino está sempre presente nos contos de *Nós matámos o Cão Tinhoso*. Discuta.

Ou (b)

Analise o conto *Nhinguítimo*.

5 JOÃO CABRAL de MELO NETO, *Morte e Vida Severina***Ou (a)**

Examine o significado do título do auto de Natal pernambucano *Morte e Vida Severina*.

Ou (b)

Qual é o tema principal de *Morte e Vida Severina*?

6 JOSÉ CARDOSO PIRES, *O Anjo Acorado***Ou (a)**

Examine o tema da alienação em *O Anjo Acorado*.

Ou (b)

Examine a relação entre João e Guida.

Copyright Acknowledgements:

Question 3 © Graciliano Ramos; *Vidas Secas*; Grupo Editorial Record.

Permission to reproduce items where third-party owned material protected by copyright is included has been sought and cleared where possible. Every reasonable effort has been made by the publisher (UCLES) to trace copyright holders, but if any items requiring clearance have unwittingly been included, the publisher will be pleased to make amends at the earliest possible opportunity.

University of Cambridge International Examinations is part of the University of Cambridge Local Examinations Syndicate (UCLES), which is itself a department of